

Duas vidas em contraste

– Churchill e de Gaulle

Poucas figuras históricas vieram a representar os seus países como Winston Churchill e Charles de Gaulle. Nos dias desesperados da Segunda Guerra Mundial, ambos emergiram como fontes de força e esperança para os seus respectivos povos

Excelentíssima Senhora Embaixadora Ana Martinho, Professor José Manuel Durão Barroso, Professor Jeremy Black, Senhoras e Senhores,

É um prazer estar aqui esta noite e ser convidado a falar neste Winston Churchill Memorial Dinner. De facto, tive o privilégio de falar neste jantar nos últimos anos, pelo que sou um “presente permanente”. Não sendo um especialista em Churchill, tenho de pensar cuidadosamente sobre o que abordar. Este ano vou contrastar as vidas e conquistas de Sir Winston Churchill e do General de Gaulle – em quinze minutos!

Através da minha leitura ocasional de uma publicação britânica chamada *The Spectator*, tomei conhecimento de um livro publicado no ano passado pelo Professor Richard Vinen, actualmente Professor de História no King’s College London. Vinen foi anteriormente fellow do Trinity College, Cambridge e, mais recentemente, “archive-by-fellow” (não sei bem o que é!) no Churchill College, Cambridge.

O nome do livro é *The Last Titans – Churchill and de Gaulle*. Infelizmente, ainda não o li. Contudo, na minha pesquisa para esta intervenção, encontrei um website chamado *Unseen Histories*, onde o jornalista Peter Moore coloca várias questões ao Professor Richard Vinen. Incluí certo material desta entrevista nesta intervenção e desejo aqui reconhecê-lo.

The Last Titans é um estudo em contraste. De Gaulle é reservado e rígido; Churchill é espontâneo e carismático. Vinen relata um episódio delicioso sobre Churchill a ditar da sua banheira.

Churchill começou a ditar cartas da sua banheira ainda rapaz, na escola de Harrow. Claro que vivia num mundo em que era normal para homens como ele estarem rodeados de criados



Edward Godfrey

CHAIRMAN, BRITISH HISTORICAL SOCIETY OF PORTUGAL

que atendiam a todas as suas necessidades. Tinha criados para o ajudar a vestir – excepto numa ocasião, após a guerra, quando o seu criado se embebedou e Churchill, o mais famoso estadista do mundo, fez o seu melhor para o deitar na cama.

De Gaulle era mais formal e reservado. A nudez pública, tão comum entre os ingleses da alta sociedade, desagradava-lhe. Houve, porém, um inglês que pôde vê-lo nu. Peter Coats (um oficial da alta sociedade e ajudante do General

Wavell) entregou uma mensagem a de Gaulle no Egipto em 1941. Encontrou de Gaulle na banheira e passou-lhe “um elegante robe de seda azul e vermelho que, ao entregar-lhe, vi que tinha sido comprado na Hawes & Curtis em Londres”.

Só para recordar: Sir Winston Churchill, que se tornou primeiro-ministro do Reino Unido em 1940, nasceu em 1874 e faleceu em 1965. O General Charles de Gaulle nasceu em 1890, tornou-se presidente de França em 1959 e faleceu em 1970. Assim, de Gaulle era dezasseis anos mais novo que Churchill.

Poucas figuras históricas vieram a representar os seus países como Winston Churchill e Charles de Gaulle. Nos dias desesperados da Segunda Guerra Mundial, ambos emergiram como fontes de força e esperança para os seus respectivos povos.

Ambos nasceram no século XIX. Churchill descrevia-se frequentemente como vitoriano. Acreditava profundamente na superioridade da

**CHURCHILL ERA UM VETERANO
POLÉMICO À ESPERA DE
REDENÇÃO. DE GAULLE ERA
UM CORONEL OSCURO COM
IDEIAS INCÓMODAS. A GUERRA
TRANSFORMOU AMBOS**

civilização ocidental, e particularmente nas instituições britânicas, como o parlamento, a lei, o império e a marinha. Apreciava os prazeres – todos sabemos o quanto gostava de champanhe, brandy e charutos. Amava boa comida e boa conversa.

De Gaulle é mais complexo. Era nostálgico do mundo da sua juventude, mas também compreendia a necessidade de mudança e de mudar o seu país. Foi o homem que concedeu o voto às mulheres francesas em 1944 e que aceitou a legalização do controlo de natalidade em 1967.

Reputação em 1939

Em 1939, Churchill era famoso, mas desconfiado. Era conhecido como um orador e escritor brilhante. Tinha ocupado cargos ministeriais superiores antes da Primeira Guerra Mundial e, mesmo fora do governo nos anos 1930, continuava a atrair atenção.

Era respeitado por alertar cedo sobre a Alemanha nazi e pela rearmamento. Era visto como enérgico, patriótico e corajoso. Alguns acreditavam que tinha “razão” sobre Hitler quando outros cediam.

Contudo, tinha pontos fracos na sua reputação. Muitos ainda o culpavam por Gallipoli (1915), um grande desastre da I Guerra Mundial. Em 1925, como Chanceler do Tesouro, restaurou o padrão-ouro na Grã-Bretanha, apesar de muitos o desaconselharem. Os efeitos adversos no comércio britânico agravaram o desemprego e os conflitos laborais. Consequentemente, era visto como impulsivo, errático e perigoso, desconfiado tanto pelos Conservadores como pelos Trabalhistas. Era considerado um maverick político, não alguém seguro para governar.

COMO AFIRMA O PROFESSOR ROGER VINEN: “A ÚNICA COISA EM QUE CHURCHILL ESTAVA CERTAMENTE CERTO – OU SEJA, A NECESSIDADE DE RESISTIR A HITLER A QUALQUER CUSTO – FOI PROVAVELMENTE A QUESTÃO MAIS IMPORTANTE DO SÉCULO XX

Era respeitado, mas não popular ou confiável o suficiente para liderar. Quando a guerra começou, foi nomeado apenas Primeiro Lorde do Almirantado, e não primeiro-ministro. A sua ascensão só ocorreu em maio de 1940, porque os acontecimentos o forçaram. Em resumo, era brilhante, polémico e arriscado.

Charles de Gaulle em 1939 era quase desconhecido do público. Era um sucesso obscuro. Nos anos 1930, tinha-se destacado como defensor da guerra de tanques e da modernização do exército francês. Mas não era um oficial muito sénior em 1939. Muitos generais franceses viam-no como arrogante e insubordinado. Nunca tinha ocupado cargo político. Quando fez a sua primeira transmissão à França em junho de 1940, mesmo ouvintes bem informados não sabiam quem era. Em 1939, de Gaulle era desconhecido, marginal e ligeiramente problemático para os seus superiores. Ninguém imaginava que viria a ser futuro líder de França.

Em 1939, em termos globais, Churchill era um veterano polémico à espera de redenção. De Gaulle era um coronel obscuro com ideias incómodas. A guerra transformou ambos.

Fim da guerra – 1945

Em 1945, apesar da sua liderança e reputação, Churchill estava cansado. Tinha dificuldade em ajustar-se à nova ordem da paz. Os seus admiradores deferiam a ele, mas viam as suas grandes conquistas como passadas. O seu segundo mandato, de 1951 a 1955, pode ser visto como progresso estável, em vez de transformador. A Grã-Bretanha manteve o estatuto de potência nuclear; o Estado de bem-estar foi consolidado, juntamente com a recuperação económica e o aumento do nível de vida. A descolonização apenas começava. Sofreu um AVC grave em 1953, escondido do público. A partir daí, a política foi cada vez mais gerida por colegas como Rab Butler e Anthony Eden.

Entre 1946 e 1958 foram os anos do exílio político de de Gaulle. Estava fora do governo, mas não inativo. Esperava que os políticos o chamassem de volta ao poder, à medida que a Quarta República colapsava. Embora importante para certa parte da sociedade francesa durante a guerra, de Gaulle foi, acima de tudo, um líder em tempo de paz, cujas maiores conquistas ocorreram após o seu regresso ao poder em 1958.

O seu grande feito foi retirar França da Argélia e mostrar que

França, ao contrário da Grã-Bretanha, poderia encontrar um papel depois de perder um império.

Em muitas partes do mundo, especialmente nos Estados Unidos, Churchill continua a ser muito admirado. A reputação de de Gaulle é curiosa. Em vida, foi odiado por parte da população francesa – especialmente pelos conservadores que o culpavam por se opor ao governo de Vichy e por retirar França da Argélia em 1962. Após a sua morte, tornou-se uma figura consensual, associada a um período em que a França se tornou estável e próspera nos anos 1960.

Olhando para trás, de Gaulle parece ter estado do lado certo da história – na descolonização, na construção de um Estado moderno e industrial, na criação de um governo presidencial forte, na adaptação à Guerra Fria bipolar e na manutenção de uma política independente mas realista. Como disse ele, a França precisava de “épouser son siècle” – “casar-se com o seu século”, aceitar as realidades do seu tempo em vez de agarrar-se ao passado.

Hoje em dia, a liderança de Churchill durante a guerra continua a ser amplamente admirada. Mas por vezes ele é visto como estando do lado errado da história, pelas suas opiniões sobre o imperialismo, raça e falta de entusiasmo pelo sufrágio feminino. Gallipoli, o padrão-ouro e o debate sobre a fome de Bengala não favorecem a sua reputação.

Mas, como afirma o Professor Roger Vinen: “a única coisa em que Churchill estava certamente certo – ou seja, a necessidade de resistir a Hitler a qualquer custo – foi provavelmente a questão mais importante do século XX e, talvez, de toda a história britânica”. NC